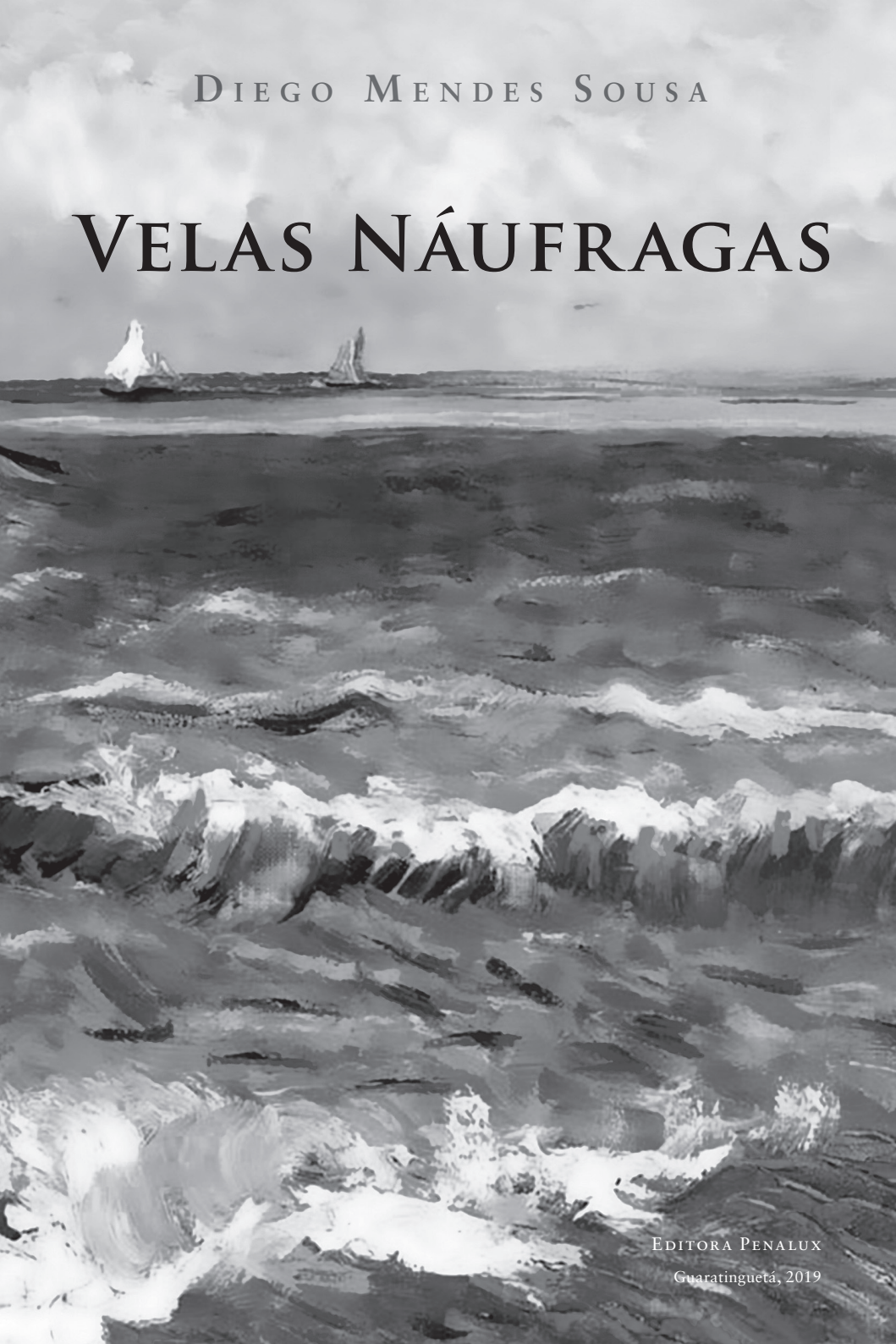
Velas Náufragas

Diego Mendes Sousa

Velas Náufragas



Editora Penalux
Guaratinguetá, 2019

Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: Karina Tenório

REVISÃO: Altair Maria Sousa Marinho

IMAGEM DA CAPA: *Barcos de Pesca no Mar* (1888) de Vincent van Gogh (1853 – 1890)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S725v SOUSA, Diego Mendes. 1989 –.
Velas náufragas / Diego Mendes Sousa – Guaratinguetá, SP: Penalux, 2019.

102 p.: 21 cm.

ISBN: 978-85-5833-xxx-x

1. Poesia I. Título.

CDD: B869.1

Índice sistemático:
1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.
A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

SUMÁRIO

OPUS I
ALMA LITORÂNEA 9

CANTO I SERES ALADINOS 11

ESTE APRENDIZADO GRAVE PRIMEIRO 14

ESTE APRENDIZADO GRAVE SEGUNDO 17

ESTE APRENDIZADO GRAVE TERCEIRO 20

ESTE APRENDIZADO GRAVE QUARTO 22

ESTE APRENDIZADO GRAVE QUINTO 23

I 25

II 25

III 26

ESTE APRENDIZADO GRAVE SEXTO 27

CANTO II CRÔNICA DO FILHO ORGULHOSO 28

BALADA AOS HERÓIS DAS GUERRAS 31

CANTO III ALTAÍBA 33

CANTO IV DUNAS MONAZITAS 34

CANTO V ALMAR 38

CANTO VI METRÓPOLE DAS PROVÍNCIAS DO NORTE 40

CANTO VII CARNAUBAL (SONATA DO AUSENTE
E DO SILENTE) 42

CANTO VIII PHB E OS PEAGABÊS 45

CANTO IX PORTO DO IGARAÇU 47

CANTO X CARANGUEJOS E SIRIS 48

PROLÓQUIO – ENCONTRO DE PALÁDIO
(BERÇO D'EU MENINO) 49

OPUS II
CORAÇÃO COSTEIRO 55

I LÍRICA SER DOR MAR 57

II LÍRICA BAIXA-MAR 58

III LÍRICA ALTO-MAR 59

IV LÍRICA MARÉ DE SIZÍGIA 60

V LÍRICA MARESIA 61

VI LÍRICA VAZANTE 62

VII LÍRICA VAGALHÕES 63

VIII LÍRICA ALTAÍBA DE NOSSA SENHORA DA GRAÇA 64

IX LÍRICA PARAGENS DO MUNDO SUBMERSO 65

X LÍRICA PARAGENS DO MUNDO EMERSO 66

XI LÍRICA ENCANTARIA 68

XII LÍRICA CARANGUEJOS E MARACONIS 71

XIII LÍRICA BERÇÁRIO DE FAUNA E FLORA 72

XIV LÍRICA BOI DE SÃO JOÃO 75

XV LÍRICA BALÉ DE PARNAÍBA 76

XVI LÍRICA AMOR À TERRA NATAL 78

XVII LÍRICA AVEJÃO 79

XVIII LÍRICA MAREIROS 80

XIX LÍRICA MARETA 81

XX LÍRICA MAROLA (OUTRA CANÇÃO DO EXÍLIO) 82

XXI LÍRICA MAREJADAS 84

XXII LÍRICA NEREIDAS 85

XXIII LÍRICA OCEÂNIDES (MINHA RESSURREIÇÃO) 86

XXIV LÍRICA ONDINA 89

XXV LÍRICA POSEIDON 90
XXVI LÍRICA SALINAS 91
XXVII LÍRICA SORVEDOUROS 92
XXVIII LÍRICA ILHAS DE PAUS 93

TESTAMENTO WISE, WIZARD, WITNESS (WWW) 94
COLOFÃO PROMONTÓRIO NATALÍCIO 96
ROSA NUMINOSA - FORTUNA CRÍTICA 97

O P U S I

ALMA LITORÂNEA

Sete galeras cruzavam
por mares que desconheço:
uma a uma deslizavam
para o fim do meu começo.

As galeras fundearam
triste cais emparedado:
sete capitães tocaram
cornetas do seu agrado.

– Pois bem, capitães, sou eu
este porto que escolhestes,
fechando as velas ao véu
de espessa bruma celeste.

Benjamim Santos

Este opus foi escrito em 2014, quando do meu retorno – do exílio voluntário – à Alma Litorânea, nos braços de Altaíba, no impulso das primeiras impressões de uma saudade recomposta.

CANTO I

SERES ALADINOS

Nós que temos a alma litorânea:

o catador de caranguejo, a marisqueira,
o pescador e o farol da praia da Pedra do Sal,
o Zé do Bonéu, que comercializa chapéus na Atalaia,
o Benjamim Santos, o Tarciso Prado, a Altair, este
poeta, que tem a idade eternal de Castro Alves,
aquele andarilho das dunas da Lagoa do Portinho,
onde a sereia misteriosa e indígena dorme,
o espantalho prateado da Lagoa do Bebedouro,
a paisagem doirada ante o mar da Parnaíba,
as rendeiras dos Morros da Mariana, o povo
do Labino, os cantores do Sabiazal,
os visionários do Olho D'água, os parentes do
Belo Sítio, o José Filho, a Regina, a Silvana, os
antepassados da minha fêmea na Morada do Sol, a
Várzea da família Souza, a fazenda do Souzinha e
da Anete, os descaminhos portuários da Barra do
Timonha, o Boi da Ilha Grande, que fascinado vi
no Cajueiro da Praia, em frente a casa do Carlito,
as Paraqueiras do Gerson Castelo Branco,

todos,
todos,

todos,
têm a alma litorânea

E o meu coração de poeta é uma inscrição
precisa ao evocar os seres aladinos:

Peixes,
Caranguejos,
Cavalos-Marinhos, Camarões,
Tartarugas, Siris,

todos
todos
todos:

almas litorâneas

Carnaúbas,
Coqueiros, Cajueiros, Pedras,
Ventos, Mares, Mangues, Lagoas, Rios, Xananas,
todos todos são almas litorâneas

o jurista Evandro Lins e Silva,
o simbolista Jonas da Silva,
o criador do Almanaque da Parnaíba:
Benedito dos Santos Lima,
o bardo Everaldo Moreira Véras,
o elegíaco Alcenor Candeira Filho,
o romancista Assis Brasil, o escritor Berilo Neves,
o economista João Paulo dos Reis Velloso,
o compositor Teófilo Lima, a cineasta Karla Holanda,
o artista plástico Francisco Galeno,

a jornalista Graça Ramos, o ator Ricco Lima,
o amigo poeta Manoel Ricardo de Lima,
o político Chagas Rodrigues,
o Mão Santa,
Rubem Freitas, Lauro Correia,
Alberto Silva,
todos todos, almas litorâneas
na monazita areia do Delta do Parnaíba

Jorge Tufic, Astrid Cabral, Luiz de Miranda,
Carlos Nejar,
hoje almas litorâneas, ontem foram almas dos rios!

E nos caranguejos eu mato a minha raiva
de ser homem ladino e das palavras

Ô Catador! Ô Catador!
Faina de mil patas
na fome suja do mangue

Ô Catador!
Venda-me tua outra alma,
os caranguejos, de cor marrom e sem vida
e obscuros

Quantos mistérios
os filhos do signo de Câncer não revelam

ESTE APRENDIZADO GRAVE PRIMEIRO:

São símbolos,
Ricardo Cravo Albin,
os Siris que deslizam no mar da Parnaíba, para ti,
A MARCHA DOS SIRIS;

Todos os siris resolveram acompanhar os meus pés

Os siris
– dezenas de patas
azuis
estão se afogando no mar a revelar
a carapaça
do amor sublimado predestinado
à cabala dos sonhos (além do distante)
nos arrecifes da palavra a deslizar sem rumo
na marcha dos limites

Ó mar bonito!
Ó mar infinito!
Ó mar de calma!

Todos os siris e eu
no horizonte fascinante…

Sombras da noite incompleta
onde o meu coração
morreu vivo

Siris, alma da minha alma, direção indiscreta
do meu dedilhar derrotado

Só, vagando no silêncio,
os meus siris e eu,
em suprema tristeza…

Oh, mar cor da prata a ferir os meus olhos ignorados!

Os siris… Os siris… ensinaram-me a nadar
na solidão dos dias emirados sob as águas

* * *

Vô, agora que a morte calou a tua alegria,
sinto a luz do teu sorriso penetrar-me a carne
e as lembranças do outro tempo do
amor, ante o teu silêncio,
voltarem melancólicas

Bumbei contigo o bumba-meu-boi
da tua terra Tutoia, da minha terra
chamada Altaíba, boi,
que na Parnaíba, é de São João!

Dancei contigo o samba da tua rítmica,
no Bafo da Onça
Cadenciei contigo os primeiros
versos do meu alento louco
e inesperado
a ventar sonhos e mais sonhos sob o meu coração vadio

Sob essa ressaca de carnaval, do ano de dois mil e catorze, aos sete de março, vi a face da morte em O SUSTO, que agora dedilho sem assombros;

ESTE APRENDIZADO GRAVE SEGUNDO:

Não havia a face da morte até o coração sangrar
na tarde vazia

Eu desconhecia a face da morte até
a ceifeira vir sem rumo
pela tarde vazia

Não havia a face da morte
o esqueleto da vida transposto
ao sofrido logro
dos dias

Eu não conhecia a face da morte
nos raios obscuros de Deus!

Não havia outra face somente a sombra
da morte e o meu inglorioso disfarce

Não tenho conhecimento da outra
face da morte: o paraíso
e o reflexo
e as estrelas e o delírio

De tantas mortes
minh'alma não tem faces

a pedante morte a própria morte sem face

Essa face da morte que aprendi
no susto
que ia à tarde (sem esperar) eu vi sim
a face da morte em meu coração
resfriado de amor inabalado
Vi a face da morte na via crua
dos sonhos que são alertas são agouros
do profeta na face noturna da morte

Senti a face
da morte
e ainda dói
a face da morte acesa
em minhas mãos de poeta malsinado

Não havia a face da morte só o ruído do choro contido!

De tudo (agora sei) que a morte
é uma saudade
de face distorcida:

o grito interior ao sumiço perpétuo…

É face da morte
ser o espelho do perdido

* * *

Ô Benjamim Santos, dramaturgo da
minha infância sempre presente,
AOS OLHOS DA SIBILA,
dos nossos cantares noturnos, dedico-te o pranto;

ESTE APRENDIZADO GRAVE TERCEIRO:

Minha alma está escura entre a sibilina Vida
o inenarrável Amor
e a assombrosa Morte
Como carregar o peso do misterioso fardo
sobre o meu coração repleto e imorredouro?
Minha alma é escura nebulosa e
inefável e de cenho tristonho
Que outro retrato nefasto foge
sob as sombras
e as nuvens da Morte?

Que outro caminho não será o terrível?
Aos olhos de Rilke?
Ao lírico cântico da sibila?

Meu coração reverte-se cheio
avassalado de Amor…

Não tenho o imenso sonho petrificado!

Detenho dores infinitas e seculares que atravessam
o meu interior amargo e nevoento

Meu corpo tem negror na grande noite
do silêncio demiurgo

Minha alma é a vertigem arrastada pelas
luzes do tempo veloz e veloz e veloz
no dorso de um anjo sem mosaicos
floridos e em eternal brancura

Sou o pássaro que reluta
para não voar nesse horizonte medonho da dor

E este PREDICATIVO DOS DEUSES é um canto
para Sânzio de Azevedo;

ESTE APRENDIZADO GRAVE QUARTO:

A memória é uma viagem
e ninguém se opõe ao destino predicado pelos deuses
da devastação

Partir é desarmar a navalha do tempo destrutivo
que os antepassados ventilavam:

Sempre fugir e não revolver
para morada alguma

E todos os ventos marejam:

O destino é um selo eterno de viagem
em viagem desatinada na velocidade
do coração entristecido

Meu querido Antonio Miranda, a tua
generosidade despertou a força de A MÚSICA
DA AGONIA, a arrebentar com violência
em mim;

ESTE APRENDIZADO GRAVE QUINTO:

A voz calou-se dentro das essências ruidosas

Destemido,
o anjo insiste em extasiar-se no subterrâneo da alma

Na escuridão,
o corpo cego caminha no descompasso
dos sonhos extintos

Vagar
é uma errância inesperada

O Amor,
a instantaneidade no calabouço
dos tempos idos

Todos os olhos estão esquecidos nos vícios
redimidos do desejo

Passar é um destino rarefeito
a aplacar verdades inabaláveis
afeitas ao sofrimento ao vasto silêncio
do meu desespero inaudível

A voz calou-se novamente
no desatino das coisas supremas

Sou música devastada em ronda inefável
em viagem secreta por horizontes vários

Estou d'alma triste na agonia
dos céus amplos
– sem ecos solares

E assim, a esse poema, refez a
grandíssima poeta Lenilde Freitas,
na visão da sua aguda sensibilidade crítica:

I

Vagar
é uma errância inesperada

Na escuridão,
o corpo cego caminha no descompasso
dos sonhos extintos

A voz calou-se dentro das essências ruidosas
Destemido,
o anjo insiste em extasiar-se no subterrâneo da alma

II

O Amor,
a instantaneidade no calabouço
dos tempos idos

Todos os olhos estão esquecidos nos vícios
redimidos do desejo

Passar é um destino rarefeito
a aplacar verdades inabaláveis

afeitas ao sofrimento ao vasto silêncio
do meu desespero inaudível

III

A voz calou-se novamente
no desatino das coisas supremas
Sou música devastada em ronda inefável
em viagem secreta por horizontes vários

Estou d'alma triste na agonia
dos céus amplos
– sem ecos solares

Para Assis Brasil, irmão do meu
mesmo chão peagabê, fiz a
BRUMA-HIERÁTICA, sob a luz perpétua
das nossas almas litorâneas;

ESTE APRENDIZADO GRAVE SEXTO:

Em arcaicos tombos imemoriais
a sina destina-me ao fim
de tudo:

a sangria dos nomes sumidos nos reflexos inadiáveis
do tempo
relembra-me

que o passado é morte o infinito fosso
dos tormentos entristecidos:

o negror
no retrocesso do umbrático olhar

Porque
o antanho está morto
no templo obscuro das vidas tragado
na ventania
das turbulentas horas relidas
de amor profuso

em negritude
e em pretérito

esquecido

CANTO II

CRÔNICA DO FILHO ORGULHOSO

Nasci no Piauí

Sou alma do litoral, das águas esverdeadas e das dunas douradas e amareladas de girassol

Ô mar bonito! Ô mar infinito!

Vivo da espinha dos peixes, das patas azuis dos siris, das pernas peludas e aladinas dos caranguejos e do sal privilegiado dos camarões crescidos

Banho no rio Igaraçu, braço do Parnaíba, donde avisto o solar da poeta romântica, Luísa Amélia de Queiroz, que mora no corcel gameleiro do meu coração

E danço, danço, ao batuque do bumba-meu-boi que aqui os povos inventaram. Eita boi, boi... Eita boi, boi... boi de São João!

Parnaíba, minha cidade de espíritos, de ruas escuras e largas, aonde desbravei a sua magia aloucada, em caminhada onírica, com Tarciso Prado, ser superior e meu amigo eterno

Parnaíba,
alamedas de fantasmas, que Benjamim
Santos e eu flanamos cantando auroras

a beleza revoa sobre nós Benjamim, bardo maior do
amor, princípe do Piauí labinado das belas estórias!

Saudade, meu velho amigo, do nosso Tempo neblinado

Parnaíba, meu torrão natalício, solo
purificado por gênios da criação estética.

A memória de Humberto de Campos está ali, no
cajueiro da sua e da minha infância, esperando a
visita de outras quimeras, de outras sedes de cajus

Ah Jorge Tufic, lembro do seu espanto e
das suas lágrimas na copa daquele jardim
enfeitiçado, onde a pele se arrepia...

Astrid Cabral, minha amada profetisa e voz
feminina das mais fortes da cosmovisão literária,
nunca estive tão feliz, desde o ar sublimado da
sua presença por essas paisagens paradisíacas

Everaldo Moreira Véras morreu antes
do nosso igual deslumbramento, mas
guardo-o na minha esperança de Deus

Voai! Voai! Ou em seus próprios nobres versos:
Oh, Deus, não reserve nada para mim!

Carlos Nejar, querido amigo e irmão primogênito do sul, nosso Carlos Drummond de Andrade foi o primeiro a ver de fora, o heroísmo de um piauiense em batalha

E o Piauí, não poderia estar esquecido por sua imensa sensibilidade, porque também é universo lírico:

BALADA AOS HERÓIS DAS GUERRAS,

(Finíssimo poema de Carlos Nejar)

Os mortos já repousam plácidos junto
ao relvado de um dia pleno, saciado.
A história que foi vivida alma adentro: seus
temores vencidos, amores findos, com eles
jaz. A batalha
e seu fragor, sua mortalha o ar resguarda,
suas vozes
no descampado ainda vagam.

O canto da terra neles e a dor ficou
sob o céu,
com lençóis alvos, bordados de pedra e
ervas. O véu
da morte num sorvo apagam, coesos, que a
morte tomba, assim que na onda os prende.
Ou morre a morte na lava da primavera
que come
folhas, sombras. E mais nada
que o nada encobre. Por eles nenhuma
paixão ou sede
em chão desarmado chora. E, às vezes,

revoam, aves enquanto as flores se abrem
pelos seus ossos de aurora.

Ao ler, em Os Viventes (obra-prima da literatura universal) de Carlos Nejar, o profundo poema BALADA AOS HERÓIS DAS GUERRAS, fui tomado de assalto no retrotempo da vida

Carlos Nejar e eu estamos ligados
pela poética dos antepassados

E ao reverenciar a linguagem das guerras, lembrou-se do Piauí, injustamente maldito pelo país.

O Piauí, que legou Da Costa e Silva (pai do menino Alberto da Costa e Silva), Félix Pacheco (primo de Stella Leonardos), Martins Napoleão, Carlos Castelo Branco, Mário Faustino (gigante Poeta), Torquato Neto, Deolindo Couto, H. Dobal, O. G. Rego de Carvalho, Álvaro Pacheco... Não será um Estado rico?

Rico das coisas realmente essenciais... Sim, o Piauí, nele (ou dele) sou filho orgulhoso!

CANTO III

ALTAÍBA

Do meu imaginário, surge Altaíba,
a minha própria Pasárgada, de poeta atmosférico
e intensamente marítimo

Altaíba, o amor transcendido dos
manguezais femininos da Altair, linguagem
da Parnaíba, constelação sob Câncer,
alma litorânea,
luz na noite geminiana,
que também geme no candelabro da lua,
no fogo alabastrino dos olhos!

Alma Altair! Almar o mar da Altair!
Estrela Altair! Ávida ave noturna!

Altair Altair Altaíba!

CANTO IV

DUNAS MONAZITAS

Do Jardim: O Luar
[Sob as notas poéticas de Denise
Emmer, em seu *Canto Lunar*]

Revela, ó Lua,
a quem aqui primeiro se abrigou, os amarelados raios
da tua luminária (velada por nuvens)
sob a noite dos intermináveis silêncios
que despertam as longas neblinas
do mistério dentro de mim

Lumar! Lumar!

Quando apareces
em um limite escuro do céu coberta pelo horizonte
intangível de Deus provocas em meu coração precioso
a turbulência
dos sonhos despojados
Ó Lua,
magia dos ventos
que pairam sobre mim
as hélices dos meus pés já não cabem
no solo da amplidão

E miro-te
sem as constelações no infinito
és bela, oh, como és bela!
no esconderijo que te engloba impudico

Então ressurges
grávida do Amor das xananas
do outro dia
a dar aos amantes o fogo a face a fatia do teu calor
de olhos frios

Ó Lua,
teus enigmas atraem a minha pele
(cobertura da agrura humana) por completo arrepio
nas geografias estranhas da minha casa
esse luar só visto do meu jardim

[morada da alma litorânea que o casal amigo
Carlos e Clóris
não desejou dormir nas redes
da espaçosa varanda para não se encantar
no poder da minha cabala de mago]

Ó Lua,
a contemplação tristonha é maior
és límpida nova ou cheia
e sempre sombria

Ó Lua,
balanças os meus instintos de macho sob o
brilho intenso da tua carne obscura de fêmea

E surges novamente
és bela, ai como és bela! Neste azul impenetrável
sob o mar oceânico da Parnaíba

Ó Lua, Ó Lua, Ó Lua...
Meu espinhaço dolorido...
Marcada na tessitura de sal!

* * *

E estar solitário nos cristais desta terra rara
e isolada
prova a fortaleza anímica
e a riqueza dos minérios interiores nestas praias
do deserto onde enfrentar horizontes
são dunas de
radioatividades graves
ou gravíssimas
Ô Lua Ô Lua

* * *

Retenho a alma da minha cidade encantada
e o coração
de seus viventes na armadura
de um farol que busca amplidões

no choque entre as pedras
mansas e bravas

que se desprendem do azul oceânico
de um céu vazio

As águas refeitas são nuvens
de presságios que se iluminam
na sede de um ser doído,
cansado da guerra
contra si mesmo

E toda palavra reside
em seu globo de luz

assim como todo homem que nasce
no litoral vive do seu
sopro de mar, da sua raiz
de fundos longínquos
parada no etéreo

Lumar! Lumar!

CANTO V

ALMAR

Nunca o coração havia fugido tanto

Viagens aceleradas na alma
a levantar o destino

O horizonte é este somente este, sem aquele,
o grito distante da dor gritante nas pulsações da solidão

O caminho revivido nos abraços da avó ainda no peito
daquela saudade inocente
de eternidade
Vó, amada, sem a luz do amor nada
sou
e o itinerário escondeu-se no abismo do ser
em lama

Morreu
na rota
da tristeza altiva
dos mangues

e o meu espelho é este rosto diverso de sombras
sem verso

almar almar almar
no infinito
e assim ver o mar coroado de sol

Oh, mar! Oh, mar!

CANTO VI

METRÓPOLE DAS PROVÍNCIAS DO NORTE

O amor é como um chão de neve também horizontal
como um rio transparente e renascido
da brancura provinciana da pele outoniça
da amada

Outra balada
de amantes nos sonhos?
Olhos atentos ao relâmpago nos dias desequilibrados
da metrópole do norte, onde o silêncio
é alento temporão?

Onde a solidão, esse refrigério de mil tons
de dor,
abraço do tempo no pássaro de luz

Altaíba,
último mistério ainda aceso cá;
mais para cá, no meu ser de mar lupino

E a imensa miséria,
motivo
do tormento no amor,

é saber-se
todas as vezes passado,

como eu mesmo já disse em outro melhor poema

CANTO VII

CARNAUBAL

SONATA DO AUSENTE E DO SILENTE

Nuvens escuras
na tarde de veraneio
do só parnaibano (eu mesmo que nasci aqui, nesta
terra de sós, Parnaíba, litoral do Piauí, olhos
dos meus próprios mirantes desgovernados) -
metamorfose de saudade de uma partida e aceleração de
uma chegada, que se levanta no horizonte dos lamentos;
A casa e o cajueiro do Humberto de Campos; o solar
e a gameleira da poetisa Luísa Amélia de Queiroz;
e Dona Auta, ainda ali,
no sobrado da Duque de Caxias,
à espera do que nunca virá

E como profeta, sem torrão, eu também
espero dos sonhos a última dor,
o último abismo da dor, daquela imensa
dor que me derrubará do sono,
da profundeza dos tempos sem amor!

E como poeta, sem chão, nos tempos do amor,
agora que estou pássaro, estarei vencido, sem dor.

E Benjamim Santos, e Tarciso Prado, e
Taline, e Carlos Pontes, e Clóris Violeta,
e Alcenor Candeira - o filho, mor
da Parnaíba –, e Ana Lúcia,
e Souzinha, e Anete, e Aldi, e Mazé – minha
avó –, e Altair – minha amada –,
e Maria do Carmo Cirandeira, e Maria José
de Andrade Souza, e Afonso Félix de Sousa,
e Astrid Cabral, e Jorge Tufic, e Izabel,
e Carlos Nejar, e Elza, e Helena
Ferreira, e Luiz de Miranda,
e Luiz Gondim, e Benayas Pereira, e Fabio
Coutinho, e Geraldo Holanda, e Dirce de Assis,
e Darcy França Denófrio, e Cláudio
Murilo Leal, e Ricardo Cravo Albin,
e Nélida Piñon, e Alberto da Costa e
Silva, e Vera, e Antonio Cicero,
e Antônio Torres, e Antonio Miranda,
e José Santiago Naud, e Leda,
e Anderson Braga Horta, e Célia, e
Ferreira Gullar, e Cláudia,
e Stella, e Adélia, e Myriam, e Deborah,
e Lina, e Balina, e Alice, e Eunice,
e Raquel, e Sonia, e Finkel, e Carpi, e
Hortas, e Lenilde, e Lourdes,
e Susana, e Yeda, e Denise, e Renata Pallottini
– as lágrimas são chuvas intermináveis, águas
que desabam na força de um rio sonoro –
coração oceânico de emoção, punhal
extremamente ferido!

A dor é essa memória sem lembrança, é essa carga
de homem sem destino, é essa solidão em desatino,
é essa batida sem martírio –
e o mar, que prescreve a minha alma litorânea,
e os ventos que batem em minha
alma de dunas e ruínas,
e o sol que queima em minha alma de brumas,
ai, sofreguidão desmedida de almas...

Hoje sou muitos, sou vário,
sou os múltiplos, menos um, o que
vai morrer no deserto,
com andar de caranguejo, às pressas.

Talvez sem rumo, isso sempre,
para todos os lados do meu único mundo,
meu singular mundo, rasgado por profecias
e magias, essa cabala inacabada.

Após essa tarde de nuvens escuras, chegará a noite
bem mais escura, quando adormeço menino.

E sábias são as corujas no mistério noturno,
são as palavras das vozes soturnas,
que – para mistificar – me acompanham; as
luzes, no cerne revestido de tristezas,
rosto corroído por ausências e silêncios,
sonata silente, ausente temporão.

Constituída essa outonal negritude de algodão,
chegará a noite bem mais escura, renascido,
por certo, outro menino, sempre menino,
com os passos permanentemente
na distância.

CANTO VIII

PHB E OS PEAGABÊS

Ser-do-mar, velho lobo marítimo cujo olhar
é uma atmosfera de posse e vidência

No céu,
sob o coração das aeronaves, vejo
PHB nesse chão marcado
de caminhos de vida,
de muita vida,
e laços abastecidos de tempos
e agoras no amanhã

Sou PEAGABÊ
sou alma litorânea conterrâneo dos
marítimos da Ilha Grande
do Cajueiro da Praia de Luís Correia
e obstino ainda
ser outro que não se reencontrou com o seu passado
de pólvora no silêncio dos alardes do
eu lírico biográfico e febril

que sempre horrivelmente arde de dor
e magia

* * *

Estou nas lonjuras, em uma ilha
de distâncias, nas profundezas
deste Delta maior das Américas,
no Baixo Parnaíba e sou do Nordeste, navegador
de algas descobertas, grumete, gajeiro, gajeirinho real
sob as sombras tristes
dos ares do ontem

* * *

Domar o ser
ser dono do mar
nas areias
de uma alma
a domar
Ser do Mar!
Ser-do-Mar!

CANTO IX

PORTO DO IGARAÇU

Repetir
outra vez repetir a palavra
que seja sangria neste porto feroz
a navegar
sob o Rio Igaraçu e suas cáfilas barrentas, adagas
e adágios

Quando franceses, ingleses, americanos, alemães,
espanhóis, portugueses e fenícios e persas -
estes donos da Pasárgada do Manuel
Bandeira - eram pertinências
nas águas de Altaíba, cidade imaginária
avidamente poética e linda
que eu quis só para mim

Ave do destino latente
do desejo

Parnaíba, infanta rebelde do Igaraçu,
via Altaíba,
passarada
e primícias de um castiço amor:

Altair
vocabulário e sépala do reino de Tigres.

CANTO X

CARANGUEJOS E SIRIS

Hoje sou muitos, sou vário,
sou os múltiplos, sobremaneira um,
o que vai morrer no deserto,
com andar de caranguejo, às pressas.
Talvez sem rumo, isso sempre,
para todos os lados do meu único mundo,
meu singular mundo, rasgado por profecias
e magias, essa cabala inacabada.

PROLÓQUIO – ENCONTRO DE PALÁDIO

BERÇO D'EU MENINO

Hoje que sou galho uma tremenda raiz puxa-me os pés

trilhas alagadas
nas ventiladas areias do berço d'eu menino

sou um rio no curso onírico
andando na quentura da tarde

Espero as estrelas marinheiras da noite
vindo
como um susto apressado
no alento folheado do meu coração

Sei que a hora é de implosão
Minh' avó
na noite da saudade

a cordilheira se desespera: é o drama do perder
na velocidade do tempo

(que não irá retornar na secular trama
da árvore desgarrada
como pássaro distante da ilha)

posto na imagem do teu sorriso mais
íntimo da minha lembrança

Sei que a vertigem tombou meus olhos repletos de
lágrimas recolhendo o desejo do rever teu rosto
nos prados varridos pela vida
(tão triste tão perdida)

sem elos
que fazem
a comunhão do destino

Essa dor se completa infinita como um
colosso intraduzível em seu eco
sem identidade

Agora que sou mar
um oceano naufragado de águas salgadas

Penetro no chão abismal do grito da terra
no escuro fundo
da linguagem de Deus

Ele!

– que predestinou o sofrer ardente

o passo contrário dessas ilusões inteiras
de âmago invadido

o choro cantante

e sempre errante

Já que sou rio vou ligeiro
atrás dos mistérios magos

que me querem alado
como um anjo ausente

Mas a composição
do meu turbulento sangue
evoca
o amor da Musa
na tempestade dos raios afundando
barcos carregados de óleos escorregadios

Só eu sei amar
sem morrer porque Amar
é uma armadilha certeira
nos frutos carcomidos da beleza

Minha poesia
quer
a permanência no ar
solitário desse céu
extremamente azul
da cidade donde
venho

de dunas peregrinas e de guarás bravios

Nasci nos braços do Parnaíba no negrume de uma
rua onde minha mãe semeou seu gemido eterno
desde então
o sol contempla meus apertados olhos
no espetáculo do mundo angustiado nas fugidias pedras
da balada sonora do meu choro audível ainda
no instante dessa glória fagulhada de memória

Aqui
a passagem dos dias
é tufão
em silêncio
um corredor de partida para
a longa aventura
dos segundos inarredáveis de um viajor
e seu pergaminho
de couro envelhecido

Os cajus são alianças de carne e pecado
castanha de brancura
voraz na pele
do jardim descampado da aurora

Os caranguejos saem para o mangue em rotina suja
aos fantasmas do mar

Aos Poetas luzem
a cor
(vibrante das xananas) e o ritmo
contínuo

de ir (para os lados
da praia inominada)

Caju e caranguejo almas de todo ser vivente
que deseja
o mesmo porto durante a voragem do medo debandado
das raízes
em evidência:
a morada dos caranguejos escudos de pau
e casca do tronco deste sal epifânico
e purificado de nome

O P U S II

CORAÇÃO
COSTEIRO

Os capitães responderam:
– As nossas sete galeras
não sabes de onde vieram,
de que portos, de que terras.

Partimos na nuvem fria
dos mares de tua saudade,
bêbados de maresia,
alheios à tua vontade.

Somos teus sete veleiros.
teus mistérios, teus segredos,
tuas dores, teus desvelos,
teus companheiros de medo.

Benjamim Santos

O esquecimento é a memória mais profunda.
Baú que se aclara nas lembranças.

SER DOR MAR

Cosmonave de um coração costeiro
que navega na preamar da dor
na maré do amor
no mar do ser
meu alterego
a dor-mar
a domar
os sargaços
de um sal salgado
de um sol solstício
de uma lua lunática
que passa na alma
de enseada

Meu coração aberto
nas praias do sonho
litoral de aberturas
ao mundo

BAIXA-MAR

Este epilírico
provém da baixa-mar
que me leva à praia
onde perdi o voo
das torturadas alquimias!

ALTO-MAR

Mesmo que o cantor reouvesse
todas as estrelas do céu
o mar ainda teria
os seus cristais
de Amor
a registrar lentamente
o barulho dos seus mistérios
quando ouvir é quimera
de fogo azul

MARÉ DE SIZÍGIA

O coração de um Poeta
é um maremoto de testemunho
ao Tempo

passos do homem à margem
dos sonhos e dos presságios
na maré-vermelha das visões

MARESIA

Malgrado às ilusões
que as marés trazem,
a ventania preserva
oásis pressentidos

VAZANTE

As tartaruguinhas tão bonitinhas
se aventuram à procura de mar

De tão pequeninas e escuras
parecem morcegos
– que se buscam noturnos –
nas asas translúcidas das águas
em que mergulham

VAGALHÕES

Aquilo é mito,
à margem da vida,
os vagalhões dos sonhos
a subir,
a noite das estrelas,
com águas destrutivas,
à entrada do porto
de céu-terra-mar

ALTAÍBA DE NOSSA SENHORA DA GRAÇA

Nunca esmoreçais –
Altaíba –
que Deus é honesto
na larga dobradura
dos seus próprios sinos

e não deixeis –
Ó Nossa Senhora
da Graça –
que os mesmos sinos
se desdobrem
no largo profundo
das misérias
de mim

já que não
permaneço
salvo
do amplo olhar
que prevalece
refém da dor

PARAGENS DO MUNDO SUBMERSO

Miramar de um farol
ilimitado de visão
marítima,
estou submerso
na salinidade
de um coração
lameiro
que prevê
temporais
nas paragens
do Mundo
extemporâneo
a afluir
do Rio Parnaíba
a afluência
de um mar
delta-líneo
distante

PARAGENS DO MUNDO EMERSO

Siris e caranguejos
imitam o vagar
do homem

Os siris
correm
sem peias
nas areias
prolongadas
da infância

Os caranguejos
que de humanar
nos mangues
mais sujos da praia
– que é meu quintal –
onde aprendi docas
da vocação turbulenta,
emergem ainda
dos horizontes
do meu sem fim

Dos caranguejos
e dos siris
migram
quebra-mares
quedas-d'água
que não versam
outros desejos
somente fainas
do temível
porque o que está à vista
é paragem de um universo
minuciosamente
desprezível

ENCANTARIA

Olha só!
Em um sonho
de chuvas
que foram
choros da paixão
de uma índia
aprisionada
na escuridão
das noites
e no clarão
dos dias,
talvez,
eu encantaria
com canções
as sereias
de um deus
que movem
as dunas mornas
da lagoa do pequeno porto,
onde as piranhas devoraram
os dedos da minha irmã!

Magia
que ousaria
tornar real
para que
o avanço
das areias
finíssimas
tardassem
a dividir
dois países
litorâneos
e fossem
também
os mistérios
que sopram
fortíssimos
quais os ventos
de brisa
do meu terral

Dirás:
É São Sebastião!

Digo:

Não,
é a cunhã Macyrajara
– peixão de cabelos azuis,
a jovem amada por Ubitã!

(pois assim quero imaginar
essa estória de amorrivais,
que brotou um rio de dor
nas costas largas da Parnaíba!)

Encantado, fui!
Encantado, sou!

CARANGUEJOS E MARACONIS

Sê tu, poeta,
o maior catador de pressas
do Delta do Rio Parnaíba!

Sede vós, ó guarás,
a vermelhidão
que atmosfera
o espaço onírico
do paraíso intimorato
do céu costeiro!

E subterraneamente,
sob a pela emotiva,
somos todos
presos ao terreno
sagrado do nascimento,
onde caranguejos
(em meu caso raro)
– que chamam as marés
e maraconis
muralham
belezas
que sobrevoam
manguezais
decantados

BERÇÁRIO DE FAUNA E FLORA

Lavo os pés no mar
como lavadeira de rio
que encharca as mãos
nas águas
das correntezas
perenes
e bate
o coração na pedra
de um cais nostálgico
e puro

Lavo os pés no mar...

(Ó Parnaíba,
eram as putas do Munguba
– que as chuvas de
dezembro a maio
riscaram da paisagem
da Quarenta,
onde as vadias
revelaram
o custo dos seus sexos? –
o largo calor do porto,
onde mulheres fulminantes

recendentes dos desejos
queimaram os seus lençóis
por fardões brancos
nas miragens azuis?)

Lavo os pés no mar
como prostituta náufraga
que vive na faina
da vida
que alaga o corpo
de fluidos profundos
e resseca
a vagina nos falos
dos bêbados
pervertidos

Lavo os pés no mar
como oceano perdido
que passa foragido
na península da alma
como sangue nativo
no amor aos dias
como pássaro da ilha

no ar das tardes
como areia da terra
na dor deste inverno

Lavo os pés no mar
como xanana que reluz
aos sonhos do viajor
e se espanta feroz
nos fogos do ardor

Lavo os pés no mar
como imaginário
que se quis solitário
como fantasia
que se disse solidão
como magia
que se contradiz só
em silêncio
anoitecido

Lavo os pés no mar
como Tempo
que reflui
saudade

Lavo os pés no mar...

BOI DE SÃO JOÃO

Menininho,
no terraço da casa dos avós
e com três inocentes anos,
agarrei-me, sem censura,
ao chifre do Boi de São João.

O irmão caçula
chorava inconsolável
nas sombras
do que fora meu pai
(hoje bem sei
que era o desespero
por perturbável medo
do estranho de olhar
brilhoso e negro)

Comemorava-se o meu aniversário
nos idos de julho (que distante alegria)
quando começara ali o encantamento
e o imaginário desta incontrolável
solidão.

Ainda carrego nos ombros,
silenciosamente em regresso,
o peso de todos os bois
que me lembro.

BALÉ DE PARNAÍBA

Sem poder algum sobre a memória,
levado pela saudade que vem
da infância íntima,
vejo o meu coração voltar
a balançar
com o perdido Balé de Parnaíba,
que quando menino,
antes da virada para este século,
acompanhava

(na quadra da escola
do professor João Ernesto
onde estudei a vida inteira)

os ensaios do grupo de dançarinos
esquecidos
pelo tempo da imemória

O batuque - o sotaque da tribo –
e o folclore da região,
reinventados,
soam em meus olhares/ouvidos
diuturnamente
Ei! Ei! Ô Ô Ô Ei! Ei! Ô Ô Ô
(índios em pleno ritual)

Como a tragédia
de Mandu Ladino
faz-me recordar?

Guardo comigo
esse primeiro delírio
da imaginação.

XVI LÍRICA

AMOR À TERRA NATAL

É quando as chuvas
começam
nesta tarde
de outra geografia
citadina
que sinto as dormentes
saudades
da minha terra:

Parnaíba,
para onde o rio corre
– sonoramente?
silente e calmo.

XVII LÍRICA

AVEJÃO

Filho das aves mais tristes,
trouxeste o sangue
dos amores marítimos
a dominar os sonhos
do que sempre parte
e não se sabe para onde?

Não sabe o porquê
de ter sido parido
na febre dos mitos
decadenciais,
para sofrer
nos números
de falange
do universo?

Atravessar
os portais
do coração
que sobrevoa
a sua imersa
revolta
indizível,
de ser dor
e substância – sombria?

MAREIROS

É o vento Nordeste
da praia
da Pedra do Sal
– tranco da boca
de arranco do mar –
que arrasta Altaíba.

Esse jorro do ventre
do mar que vaticina
é o barranco de bancos
De sal? De coral?
De água-má?

É a grota-molusco
do sexo estanco de Altair?

No alanco e palanco
de refluxos e fluxos
nos solavancos
das eras e abismos?

XIX LÍRICA

MARETA

Sol-Posto no Parnaíba
Horizonte Marítimo –
Ilhas Perdidas no Parnaíba
Passos do Viajor na Praia da Altaíba!
Miragem no Parnaíba – Seus Clarões?
Revoada dos Guarás no Parnaíba
Armadilhas na claridade solar do Parnaíba!

MAROLA

OUTRA CANÇÃO DO EXÍLIO

Minha terra tem xananas,
onde não pode
o bem-te-vi cantar.

Por encontrarem-se no chão, as xananas,
sombras também
não podem dar.

O céu é um clarão magoado.
A fazenda Várzea,
que conheço,
não tem ainda tantas flores assim.

No Cantagalo, com a estrela Altair, vivo,
porque de amor
estou completo e extasiado.

Em amar o verde olhar, sozinho,
às claras,
vou a mostrar as maravilhas da Parnaíba
de lagoas, de dunas, de caranguejos,
de siris, de rios, de mar...

Minha terra tem xananas,
mas não pode nem nunca poderá
o bem-te-vi nelas cantar.

Minha terra tem carnaúbas,
que não hei de por aí encontrar.

Carnaúbas de largas palhas,
que com os ventos e as chuvas
cantam que nem sabiá.

Meu Deus, se a morte sorrateira antes do tempo chegar,
permita que uma prece, sem pressa, eu faça,
para que a amargura
que sinto
por terra
se desfaça.

Minha terra recôndita tem cajueiros,
que em copas altas, cajus dulcíssimos pode dar.

MAREJADAS

Vista ao longe da Altaíba
praia dos mistérios e dos encantos
as míticas pedras de sal da Parnaíba
depois de o mar ser devastação
a viagem vertical de céu-terra-mar
águas barrentas de vida
(morada de escudo dos caranguejos)

XXII LÍRICA

NEREIDAS

Quando bem garoto...
– A claridade não me ofuscava o olhar
e curioso pelas desarrazoadas insolências
do pecado,
observei no mais baixo meretrício
que o copo-de-leite do sexo das putas
entumecia
como baiacus mortos ao longo da praia.

Desses corpos entristecidos pelo tempo,

(na Quarenta, fronteira com o Rio Igaraçu,
ou mesmo no Porto dos Tatus, no Rio Parnaíba)

eu trouxe ao poema as percepções
de um mundo atropelado por desejos desiludidos
e por escuridões restauradas no azul
das águas mais profanas,
porque a beleza estava ali
brotando como semente sem raiz
no aroma sublunar dos baiacus apodrecidos.

XXIII LÍRICA

OCEÂNIDES

MINHA RESSURREIÇÃO

Oh! Que saudades que tenho
das águas turquesa
das praias do Piauí.

Ah, a serena brutalidade do mar,
sem sangue, sem rasgos, sem dor,
na fúria azul e salgada
da claridade solar.

Sentado na areia de pedras,
de conchas, de algas...
Eu via a alma do sol
a gritar.

Eram berros de silêncio
e de vento perdendo-se
nos olhos tristonhos
da minha face de costa,
a sussurrar as ondas,
à beira da música
divina,
das cracas
a tocar.

Evocavam outras tardes,
na rotatória da usina dos sonhos.

Gaivotas passavam desiguais,

cantando presságios,
preservando as quebras
marítimas
da beleza,
nas velas derrubadas
dos barcos
a calhar.

Do outro lado não havia ilha.
Havia distância.
Havia céu.
Havia Deus.
Havia o eu,
melancólico,
lendo Casimiro
de Abreu.

Do outro lado
havia a infância
reclamando as saudades
da terra interior e
oculta
a avistar esperanças.

Oh! Carnaúbas, cajueiros, mangueiras...
O coração do tempo

é um desesperado
exilado.

Oh! Que saudades que tenho
das águas turquesadas
das praias do Piauí.
Que dores! Que amores!
Que loucos ais,
a esperar as aves noturnas
depois de todos os pardais.

XXIV LÍRICA

ONDINA

Caranguejo dos mangues de Altaíba –
Tão intimista quanto o filho do signo de Câncer.

XXV LÍRICA

POSEIDON

Na praia da Pedra do Sal,
pescadores saíam nas velas
rumo beleza afora
para pescar verdades

Levavam sóis claros
e também redes brandas,
traziam luas várias
e, mais ainda ao entardecer,
após revolver o mar dos sonhos,
o coração das estrelas bravas

no consuetudo dos seus barcos encharcados
de peixes e de quimeras escondidos
em primaveras de eras ancestrais

XXVI LÍRICA

SALINAS

O mirante perdido
no além-rio,
além-costa do voo)

XXVII LÍRICA

SORVEDOUROS

Seis rendeiras teciam rendas
na varanda dos Morros da Mariana

No precipício desses retratos antigos
e monótonos de paisagens fugaces,
o poeta morria lendo Homero
na sua Altaíba dos tecidos perfeitos

XXVIII LÍRICA

ILHAS DE PAUS

Coração dos mangues
quebra nas praias
de um deserto de dunas

(finuras de Deus
às calhas azuis
dos meus paus)

De náufrago
à terra natalícia
onde perdi o marejar
dos olhos vagidos
de dor
mirada de crustáceo
à alerta
no afluxo das marés

WISE, WIZARD, WITNESS

(WWW)

Não emerge
esta criatura
do século vinte e um
(surgi no estrondo
do muro de Berlim,
enquanto os homens
derrubavam as suas
espinhas de guerras
gélidas),
mas este poeta advém
do presente
dos olhos tecnológicos,
das transformações velozes
na comunicação
entre humanos
e entre abismos.
E como ser da natureza
de interior intacto
no selvagem,
posso ainda declarar
que todo poeta
é um avanço
é um endereço WWW:

sábio mago
testemunha,
que domina
luas mares
marés
sereias
siris
caranguejos
areias
além de um coração
costeiro
de alma
e lama
amplamente
litorâneas.

Todo poeta é WWW,
ou seja,
Ave Ave Ave
que parte da costa
para o oceânico.

PROMONTÓRIO NATALÍCIO

Eis o poeta marino
em seu caderno de seda
remendada, a fiar a costura
dos seus sonhos
agulhados de esporões
tristonhos
além da sua dor pelágica
de sinfonia curandeira
no embornal
de pássaros sangrados

Ei-lo!
Tirante do abismo
estelante e mareado

– este Poeta que fugiu
no glosado horizonte
da noite ressumada
na alma das marinas,
outras vagas divinas!

ROSA NUMINOSA - FORTUNA CRÍTICA

É monumental o seu poema, Os Lusíadas do Piauí, de tão extenso e tão corajoso. E com categoria e elegância. Comprovo o enorme acerto de termos nomeado Diego Mendes Sousa como correspondente plenipotenciário da Academia Carioca de Letras. Sua chama há de aquecer o futuro.

RICARDO CRAVO ALBIN,
escritor e pesquisador da Música Popular Brasileira.

* * *

Um belo poema! Um canto de amor às praias, às águas, às paisagens e às gentes da Parnaíba de Nossa Senhora da Graça e de outras paragens! Sol, sal, sargaços, siris, sereias, mundo submerso, mundo emerso, amigos, poetas, poemas, poesia, palavras à solta, tudo junto, tudo livre, sem freios nem peias na Alma Litorânea de Diego Mendes Sousa!

LOURDINHA LEITE BARBOSA,
escritora cearense.

* * *

Ao ler os cantos de seu longo "Alma Litorânea", lembrei-me do poema "O Cão Sem Plumas", de João Cabral de Melo Neto: o Capibaribe, os meninos no mangue, os caranguejos e os siris, as palavras misturadas na lama e na luz.

Diego Mendes Sousa tem vigor, paixão, uma crença na poesia que assinala seus eleitos.

Comovente o seu diálogo com outros poetas, revelando, além da mente estudiosa, o desejo de se espelhar nos grandes vates, de Camões, passando pelo alterego romântico Castro Alves até os contemporâneos.

Sua alma litorânea se identifica com seres "aladinos" como pescadores, sereias, rendeiras, mergulhada em um mar de infinito e de calma. Horizontes perdidos, ilhas perdidas, dunas, ruínas, luares. É "Almar".

Obrigada pela citação de meu nome "Raquel" entre poetas e influências. Eu que tenho alma de cerrado, de mato, de urbe cinzenta.

Foi bom mergulhar no seu universo de altares, firmamento onde brilha a estrela Altair.

RAQUEL NAVEIRA,
poeta sul mato-grossense.

* * *

Parabéns por seu livro "Velas náufragas", meu caro Diego Mendes Sousa, percebe-se de imediato a sensibilidade pelas pequenas grandes coisas do mar, maré mar, preamar, país litorâneo que abriga tantos mistérios e segredos.

MIGUEL JORGE,
poeta e ficcionista.

E D I T O R A
www.editorapenalux.com.br
penaluxeditora@gmail.com

A U T O R
E-mail: diego_mendes_sousa@hotmail.com
Telefone: (86) 99451-5454

Este livro foi composto em Sabon LT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen bold 90 g/m², em junho de 2019.